

O ensino do Radiojornalismo no Rio de Janeiro à luz das Novas Diretrizes Curriculares para o Jornalismo

The teaching of Radiojournalism in Rio de Janeiro in the light of the New Curriculum Guidelines for Journalism

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



PATRÍCIA MAURÍCIO¹

RESUMO

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa sobre o ensino do Radiojornalismo no Rio de Janeiro num momento de mudanças no mercado de trabalho e em que começam a ser implantadas as novas diretrizes curriculares do Ministério da Educação para os cursos de Jornalismo para fazer face a estas mudanças. Foi feita uma revisão bibliográfica preliminar sobre a história do ensino do Radiojornalismo no Brasil; uma análise dos documentos relativos às novas diretrizes curriculares; e entrevistas com professores de Radiojornalismo de nove dos 12 cursos de Jornalismo da cidade. Conclui-se que quase todos os cursos estão adaptados ou em processo de adaptação do ensino do Radiojornalismo às novas diretrizes e que os professores se interessam por colaborar uns com os outros na melhoria do ensino.

PALAVRAS-CHAVE

Metodologias de ensino. Novas diretrizes curriculares. Ensino de Jornalismo. Radiojornalismo.

ABSTRACT

This paper presents part of a research on the teaching of Radiojournalism in Rio de Janeiro at a time of changes in the labour market and in which the new curricular guidelines of the Ministry of Education for the courses of journalism begin to be implemented to cope with these changes. A preliminary bibliographical review was made on the history of the teaching of Radiojournalism in Brazil; an analysis of the documents relating to the new curricular guidelines and interviews with teachers of Radiojournalism of nine of the 12 courses of Journalism in the city were also made. I concluded that almost all courses are adapted or in the process of adapting the teaching of Radiojournalism to the new guidelines and that professors are interested in collaborating with each others in the improvement of teaching.

KEYWORDS

Teaching methodologies. New curricular guidelines. Teaching of Journalism. Radiojournalism.

Recebido em: 03/02/2017. Aceito em: 13/06/2017.

¹ Doutora e mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel em Comunicação Social pela UFRJ. Coordenadora do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) E-mail: patriciamauricio@puc-rio.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7931949460933230>.

O ensino do Radiojornalismo no Rio de Janeiro à luz das Novas Diretrizes Curriculares para o Jornalismo

1 INTRODUÇÃO

Este artigo resulta do início de uma pesquisa que tem como objetivo estudar como é feito o ensino do Radiojornalismo no município do Rio de Janeiro, e como estão sendo implantadas as novas diretrizes curriculares do jornalismo nesta disciplina.

O estudo do ensino do Radiojornalismo contribui para identificar pontos fortes e fracos e sugerir direcionamentos para melhorar a qualidade do ensino, levando em conta, além das diretrizes curriculares, o fato de que o mercado jornalístico vem mudando significativamente nos últimos anos e os alunos devem ser preparados para ter sucesso ao ingressar nele. Além disso, a experiência de um professor pode ajudar o outro, as decisões tomadas em um curso de Jornalismo podem ajudar outros, melhorando o nível de ensino como um todo.

A pesquisa se justifica pela importância que o rádio continua tendo para informar a população e, portanto, pela importância da formação do jornalista que atuará em rádio. Embora ainda seja ouvido em casa e em ambientes de trabalho, um grande nicho do público hoje é o das pessoas que estão se deslocando pelas cidades ou estão presas nos engarrafamentos do trânsito.

O radiojornalismo é grande fonte de informação para estas pessoas, conforme se vê abaixo, em trecho de pesquisa do Kantar Ibope Mídia. Seu ensino, portanto, deve ser continuamente aprimorado, e, neste momento em que se implantam mudanças nos currículos dos cursos de Jornalismo, deve ser estudado à luz das mudanças, que levam em conta as transformações trazidas pela internet para este meio.

Ainda que a realidade digital seja recente, o rádio possui em seu DNA atributos de mobilidade desde seu surgimento, há mais de um século. [...] Ao unir essa característica mobile às novas possibilidades geradas pelo consumo online, bem como a recepção do sinal em diferentes tipos de aparelho, o meio rádio ultrapassa as barreiras físicas e tem um novo significado ao ser disseminado no horizonte digital. Sua pluralidade de conteúdo agrada a diferentes gostos e pessoas, uma vez que, considerando todas as formas de consumo de áudio, 78% ouvem música, 34% escutam conteúdos relacionados à emoção e 41% informação. Desta forma, o som permeia todos os ambientes e situações, fazendo com que 93% da população seja impactada por algum formato de áudio, segundo dados do estudo TG.net. Entre os

locais onde mais se escuta rádio estão a casa, o automóvel e o trabalho. Durante a manhã, os ouvintes tendem a consumir o meio em trânsito ou no escritório. À tarde o consumo no trabalho é 38% mais alto do que a média e, à noite, os destaques são o automóvel ou transporte público.²

Para fazer esta análise recorri aos documentos sobre as novas diretrizes curriculares, quais sejam: o relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação, o parecer do Conselho Nacional de Educação do MEC sobre o relatório e a resolução do MEC, além de artigo do professor Leonel Aguiar. Tomei como base do histórico do ensino do Radiojornalismo no Brasil capítulo sobre Gisela Ortrivano de Peruchi e Trigo-de-Souza (2008). Sobre o ensino do Radiojornalismo pós-internet, utilizo um artigo jornalístico de um dos integrantes da Comissão de Especialistas, Eduardo Meditsch, no site Observatório da Imprensa; uma comunicação apresentada por Meditsch no Intercom (2001) e a tese de doutorado da professora Mirna Tonus na Universidade Estadual de Campinas (2007).

Fiz então um levantamento dos cursos de Jornalismo no município do Rio de Janeiro e realizei entrevistas com coordenadores dos cursos e/ou professores de Radiojornalismo sobre o ensino da disciplina e a implantação das novas diretrizes curriculares. As entrevistas foram feitas de 5 de julho a 9 de setembro de 2016, por e-mail, telefone ou pelo aplicativo WhatsApp, dependendo da preferência do entrevistado. O método utilizado foi o de Duarte (2014), de entrevista fechada, com as mesmas perguntas feitas a todos, mas em alguns poucos casos a entrevista se transformou em semi-aberta, pois outras perguntas foram feitas para dirimir dúvidas. Professores de Radiojornalismo e/ou coordenadores de Jornalismo dos 12 cursos de Jornalismo do Rio de Janeiro foram contatados, e nove responderam às perguntas.³

² KANTAR IBOPE MÍDIA. De rádio para áudio – a radiodifusão em todos os espaços. **Kantar Ibope Mídia**, 6 jan. 2016. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/de-radio-para-audio-a-radiodifusao-em-todos-os-espacos/>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

³ No caso de três professores procurados e não encontrados, dois não responderam ao contato e não havia conseguido o contato correto do terceiro até o momento de encerrar este artigo. Considerei, porém, que a amostra já era relevante.

O ensino do Radiojornalismo no Rio de Janeiro à luz das Novas Diretrizes Curriculares para o Jornalismo

2 O ENSINO DO RADIOJORNALISMO

Um dos nomes que são referência na história do ensino do Radiojornalismo no Brasil é o de Gisela Ortriwano, que defendeu a primeira tese de doutorado exclusivamente sobre rádio no Brasil, “atuou profissionalmente no jornalismo televisionado e radiofônico durante mais de 15 anos” (PERUCHI; TRIGO-DE-SOUZA, 2008, p. 70) e foi professora até o fim de sua vida na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), além de ajudar a fundar a Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, em 1973.

Em 1986, a professora coordenou o *II Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo*, com o tema *Metodologia do Radiojornalismo*, a pedido do então chefe do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, José Marques de Melo. O curso, em nível de pós-graduação, reuniu professores e pesquisadores de oito estados, pela primeira vez, para pensar o ensino do rádio. Dele saiu a *Carta do Radiojornalismo*, com as seguintes propostas:

- 1 – Estimular o aluno a conhecer e refletir sobre a produção radiofônica atual;
- 2 – Possibilitar a formação de uma visão histórica, prática e crítica do rádio;
- 3 – Desenvolver a capacidade de elaborar novas formas de programas radiofônicos;
- 4 – Preparar o aluno para a prática do jornalismo investigativo;
- 5 – Exercitar a expressão oral: improvisação, locução e interpretação;
- 6 – Atribuir maior carga horária para as disciplinas de rádio nos cursos de jornalismo;
- 7 – Estabelecer simultaneidade entre disciplinas práticas e teóricas, na reformulação do atual currículo de Comunicação Social;
- 8 – Equipar os cursos com laboratórios de rádio que permitam a capacidade profissional;
- 9 – Instalar emissoras experimentais para uso dos cursos;
- 10 – Utilizar as rádios universitárias como laboratórios dos cursos de jornalismo e reivindicar a concessão de canais para as universidades que os tenham;
- 11 – Criar centros de documentação especializados em rádio;
- 12 – Implantar uma política de atualização permanente dos professores de rádio.

Todas essas propostas estão inseridas no contexto mais amplo da luta pela melhoria da qualidade de ensino no Brasil que, no caso específico do jornalismo, envolve hoje a busca de uma formação crítica aliada à habilitação profissional. Nessa busca, consideram essencial a manutenção da exigência do diploma para o exercício do

jornalismo, como conquista da categoria que se refletiu na valorização profissional.

Finalmente, reivindicam a democratização da política de concessões para exploração das emissoras de rádio em todo o território nacional, reafirmando assim o direito à informação e comunicação que ainda é negado à sociedade brasileira. (ORTRIWANO, 1986, p. 196 apud PERUCHI; TRIGO-DE-SOUZA, 2008, p. 73).

Meditich (2001) mostra como, na virada de milênio, eram comuns entre pesquisadores e profissionais do mercado a previsão de que o rádio iria acabar por conta da internet. O que o pesquisador defendia 15 anos atrás é o mesmo que se pode defender hoje. O ensino do Radiojornalismo como som invisível emitido em tempo real é importante por diversas razões, entre elas a de que quem domina esta linguagem tem mais facilidade em se adaptar à do audiovisual e, na internet, sites de notícias copiam o *know how* do rádio em trabalhar em tempo real e a própria forma de redação das notícias. Acrescento a isso que hoje, como Meditsch previa, o jornalismo de rádio em tempo real continua a ter importância para o público, tendo como complemento os *podcasts*, inclusive os de comentaristas de grandes emissoras, que ficam disponíveis em seus sites após terem ido ao ar (ou por *streaming*).

Há várias formas de chegar ao ouvinte, mas o conteúdo que será enviado, que inclui a pauta, a apuração da notícia, a redação, locução e edição, são a matéria-prima do ensino do Radiojornalismo, e permanecem basicamente os mesmos. De um modo geral, existe hoje uma informalidade maior na locução e na apresentação de noticiários e programas jornalísticos ou no jornalismo *all news*, e também um aumento na participação dos ouvintes com a chegada da internet (que antes já existia pelo telefone), mas isso não alterou o que há de principal no Radiojornalismo, que é levar ao ouvinte, em tempo real, informação de qualidade. E a internet, embora tendo trazido problemas para o financiamento do rádio e dos demais veículos (tema que não será aprofundado neste artigo), facilita este trabalho e seu ensino.

É nesse sentido que Mirna Tonus (2007) já defendia, em sua tese de doutorado, que o ensino do Radiojornalismo precisava levar em conta as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). A pesquisadora conclui que é muito importante o ensino da edição de áudio, naquele momento já necessária para quando chegassem ao mercado de trabalho. Vale lembrar que já não

O ensino do Radiojornalismo no Rio de Janeiro à luz das Novas Diretrizes Curriculares para o Jornalismo

existe mais hoje no mercado a emissora de rádio em que o jornalista sempre tem à disposição um operador de áudio para editar suas matérias, como ocorria antes.

A tecnologia só fez se infiltrar cada vez mais no cotidiano do jornalismo, mudando inclusive modelos de negócios, e sendo um dos motores para a mudança nas diretrizes curriculares do Ministério da Educação (MEC) para os cursos de Jornalismo.

3 AS NOVAS DIRETRIZES CURRICULARES E O RADIOJORNALISMO

As novas diretrizes curriculares começaram a ser debatidas em 2009 por um grupo de especialistas escolhidos pelo MEC. Estas diretrizes vieram fazer um contraponto à Resolução CNE/CES 16, de 13 de março de 2002, que determinou que os cursos de Jornalismo estariam referenciados pelas *Diretrizes Curriculares Nacionais para a área de Comunicação Social e suas habilitações*. No entanto, de acordo com a Lei 9131/1995, as diretrizes deveriam ser formuladas “para os cursos” (BRASIL, 2009, p. 9). A Comissão de Especialistas afirma que Comunicação Social não é uma profissão, e sim um campo com diversas profissões, enquanto que o Jornalismo é uma profissão reconhecida internacionalmente, regulamentada e descrita como tal no Código Brasileiro de Ocupações do Ministério do Trabalho.

Meditich, em artigo de opinião publicado em 2014, destacou que o presidente da comissão, em encontro com centenas de professores de Jornalismo e representantes de entidades da área na ECA-USP, “lembrou que a transformação dos cursos de Jornalismo em cursos de Comunicação foi uma imposição da ditadura militar orientada por objetivos da Guerra Fria”.⁴ Aguiar ressalta que, “ao contrário da reivindicação original da categoria, os cursos de Jornalismo foram implementados dentro de faculdades de Filosofia” (2013, p. 168). No contexto atual, Meditsch afirma que “a norma aprovada no CNE acaba

⁴ MEDITSCH, Eduardo. Oportunidade para o reencontro entre teoria e prática. **Observatório da Imprensa**, 25 fev. 2014. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/ed787_oportunidade_para_o_reencontro_entre_teorica_e_pratica>. Acesso em: 2 ago. 2016.

com a ambiguidade entre formar para a prática do jornalismo e formar para a área acadêmica da comunicação, definindo objetivos bem claros e coerentes neste sentido.” (2014).

Após três audiências públicas no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, e um longo processo de debates, as novas diretrizes curriculares foram instituídas pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação do MEC através da Resolução nº 1 de 27 de setembro de 2013, para ser implantadas “no prazo máximo de 2 (dois) anos, aos alunos ingressantes, a partir da publicação desta.” (BRASIL, 2013, p. 8). Ou seja, como o período letivo começa em agosto, e não em final de setembro, como na resolução, o início da vigência passaria a ser para os alunos ingressantes no primeiro semestre de 2016. Uma análise mais abrangente sobre as novas diretrizes pode ser encontrada em Aguiar (2013). Vou me concentrar no que atinge mais especificamente o Radiojornalismo.

Um dos itens do artigo 2º determina “promover a integração teoria/prática e a interdisciplinaridade entre os eixos de desenvolvimento curricular.” (BRASIL, 2013, p. 1). Ora, esta integração é algo que sempre precisou existir em Radiojornalismo. Porém, a prática fica muito distante da realidade se não existirem equipamentos. O ensino da prática do jornalismo de rádio necessita de um estúdio, composto pelo chamado aquário (sala com um grande pano de vidro que a separa de onde fica o operador de áudio), no qual estão os microfones, mesa e cadeiras, e um tratamento acústico para o áudio não vazar; e do lado de fora uma mesa de áudio com computador e programa de edição digital de áudio, onde os alunos vão acompanhar o processo de gravação e edição.

Outro item trata da interação entre os alunos e profissionais e fontes, o que pode ser feito através de palestras e visitas a emissoras de rádio. Há também um incentivo à pesquisa e extensão, e pode haver um incentivo, por parte do curso ou dos professores de Radiojornalismo, para estudantes de graduação estudarem o meio rádio nestas pesquisas, inclusive trazendo propostas para o meio, tornando a ciência de fato aplicada.

A decisão do CNE de enfatizar o espírito empreendedor é importante para os alunos que quiserem trabalhar com rádio no atual momento de mudança no modelo de negócios do Jornalismo com a chegada da internet. É

O ensino do Radiojornalismo no Rio de Janeiro à luz das Novas Diretrizes Curriculares para o Jornalismo

possível que diversos deles possam conseguir se sustentar fazendo programas de jornalismo de qualidade na web. Preparar profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica constante é outra exigência das diretrizes, e isso demanda dinheiro para equipamentos. É o contexto de vida líquida tão bem descrito por Bauman (2009), no qual a tecnologia de hoje é o lixo do amanhã, e quem ficar parado no gelo fino em vez de seguir sempre em frente acaba afundando.

Uma questão à qual o ensino do Radiojornalismo deve dar especial atenção é a de traduzir em linguagem jornalística os conteúdos originalmente formulados em linguagens técnico-científicas, mas cuja relevância social justifique e/ou exija disseminação não especializada. Um exemplo são as reportagens de economia ou meio ambiente: o treinamento com este tipo de matéria deve ser feito em sala de aula, para que o futuro profissional não apresente uma matéria com conteúdo raso por não conseguir entender do que se trata ou com linguagem que o ouvinte não entenda.

130 |

De acordo com as diretrizes, as atividades laboratoriais devem começar já no primeiro período, o que é bom para os alunos, mas complicado para os cursos, que teriam um número bem maior de alunos nos laboratórios, precisando aumentar o número de salas dedicadas a eles e a compra de equipamentos.

Vale destacar que a resolução do MEC é toda perpassada pela necessidade de os alunos entenderem a importância da ética e da defesa do interesse público no exercício do jornalismo.

3.1 O ensino do Radiojornalismo no Rio de Janeiro hoje: um levantamento com professores

Para esta pesquisa sobre o ensino do Radiojornalismo e como ele está sendo afetado pelas novas diretrizes curriculares entrevistei professores da disciplina e/ou coordenadores de cursos de Jornalismo de nove dos 12 cursos do Rio de Janeiro. As perguntas básicas foram as seguintes: quais são as disciplinas ligadas a Radiojornalismo existentes no curso de Jornalismo? Houve alguma alteração no ensino do Radiojornalismo a partir das novas diretrizes

curriculares do MEC? Se houve, quais foram? É exigido que o professor tenha passado pelo mercado de Radiojornalismo ou de Jornalismo? Existe alguma dificuldade para o ensino/aprendizagem do Radiojornalismo em seu curso? Quais são os equipamentos utilizados? É feito algum tipo de acompanhamento do mercado para adaptar o ensino a alguma mudança externa? Em caso positivo, como isso é feito?

Os entrevistados foram os professores Marcelo Kischinhevsky, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); André Luiz Cardoso, professor da Universidade Castelo Branco e coordenador e professor da Pinheiro Guimarães; Felipe Santos, do Centro Universitário Carioca (UniCarioca); Gabriel Collares Barbosa, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ); Monica Nunes, da Universidade Veiga de Almeida; Lúcia Santa Cruz, da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e Leandro Lacerda, do Ibmec. Sobre a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), eu mesma falo. Ficaram faltando a Universidade Estácio de Sá, a Faculdades Integradas Hélio Afonso (FACHA) e o Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM).

Na UERJ, o currículo antigo tinha uma única disciplina, Radiojornalismo, com 90 horas-aula. Com o currículo novo, implantado no início de 2015, o número de disciplinas aumentou para até cinco. Três são obrigatórias: *Comunicação em Rádio* (2º período, para Jornalismo e Relações Públicas - 60 horas-aula), *Radiojornalismo* (4º período - 60 horas-aula) e *Laboratório de Radiojornalismo* (6º período - 45 horas-aula). Além disso, o aluno escolhe uma entre duas opções de eletivas para cursar: *Estágio Curricular Supervisionado/Áudio* e *Trabalho de Conclusão de Curso/Rádio e TV*.

Com o novo currículo, a UERJ terá mais um professor de rádio. De acordo com o professor Marcelo Kischinhevsky, "o concurso está em andamento para publicação, se a crise deixar", referindo-se à crise financeira do governo do Estado do Rio. No momento, a UERJ tem uma professora-substituta, mestranda em Comunicação, com experiência profissional. Para o professor efetivo, o edital do concurso pede três anos de experiência na área.

Na Universidade Veiga de Almeida, a professora Monica Nunes conta que há atualmente dois currículos convivendo, por causa das novas diretrizes

O ensino do Radiojornalismo no Rio de Janeiro à luz das Novas Diretrizes Curriculares para o Jornalismo

do MEC. O novo currículo foi implementado em 2015.1. No currículo antigo, havia *Radiojornalismo*, no 5º período, e *Laboratório de Radiojornalismo*, no 6º. No currículo novo, *Radiojornalismo* é no 4º período e *Laboratório de Radiojornalismo* virou *Projeto Interdisciplinar em Jornalismo II – Rádio*, no 5º período, que, segundo Monica Nunes, nada mais é que *Laboratório de Radiojornalismo*. “A Universidade Veiga de Almeida ia ser comprada por outra empresa e teríamos que usar essa nomenclatura. O negócio não foi fechado, mas o nome ficou”, explicou. Em uma disciplina introdutória é dada história do rádio.

O professor André Luiz Cardoso respondeu pela Universidade Castelo Branco, onde é professor, e pela Faculdade Pinheiro Guimarães, onde é coordenador e professor. Em ambas existem as disciplinas de *Radiojornalismo I* e *Radiojornalismo II*. Na Pinheiro Guimarães, ele é ainda orientador de TCC, e os alunos têm a opção de defender um projeto prático, “que tenha um apelo que possa ser apresentado a uma emissora de rádio futuramente”, contou. Segundo ele, na Pinheiro Guimarães as mudanças já vêm sendo feitas, principalmente com as mídias digitais e também com a participação de ouvintes pelas redes sociais e por aplicativos de mensagens e áudios para celular. Na UniCarioca, as disciplinas são *Radiojornalismo* e *Jornalismo Esportivo*. O professor Felipe Santos ainda não estava a par das novas diretrizes curriculares no momento da entrevista. “Ainda seremos orientados a aplicar essas novidades”, disse.

Na UFRJ, existe a disciplina *Radiojornalismo* e uma eletiva para a área, mas ainda não tinha havido mudanças por conta das novas diretrizes curriculares. No entanto, segundo Gabriel Collares, a ECO trabalhava naquele momento para implementar as mudanças e o curso de Jornalismo como um todo passará por reformas para se adequar às diretrizes do MEC.

Na ESPM, existe na grade atual uma disciplina de teoria e prática chamada *Redação, Métodos e Práticas II (rádio)*, mas, de acordo com a professora Lúcia Santa Cruz, “em várias outras disciplinas a produção de radiojornalismo é transversal”. O curso de Jornalismo da ESPM já nasceu independente e não como uma habilitação de Comunicação Social. Com isso, praticamente já estava adaptado às novas diretrizes curriculares do MEC. O

mesmo ocorreu com o curso do Ibmec, que tem a disciplina *Radiojornalismo* no 3º período.

A PUC-Rio tem três disciplinas na área, além de *Comunicação em Rádio*, no 3º período, que serve para os alunos de Jornalismo, Publicidade e Cinema. Em seguida vêm *Radiojornalismo*, no 5º período, *Edição em Radiojornalismo*, no 6º (na qual, ao mesmo tempo em que fazem reportagens, eles aprendem a editar matérias no computador) e *Laboratório de Radiojornalismo*, no 7º período. O currículo foi modificado em 2005 levando em conta a internet e a digitalização dos meios, e por isso muito do que está nas novas diretrizes do MEC já estava sendo feito. Nas disciplinas de *Radiojornalismo* não será preciso haver modificação.

Outra questão colocada para os professores foi se o curso exige que o professor tenha passado pelo mercado de radiojornalismo ou de Jornalismo. Monica Nunes, da Veiga, disse que o ideal é ter professores que tenham vindo do mercado e que ao mesmo tempo sejam acadêmicos. “Eu, por exemplo, trabalhei na *Rádio Tupi* e na *Globo/CBN*. A gente busca um profissional que seja completo, que nem sempre é fácil de encontrar, porque geralmente quem é de mercado não tem tempo de estudar”, explicou.

Gabriel Collares informou que na UFRJ também não há essa exigência: “Os professores possuem projetos de extensão na área e convênios que complementam uma eventual inexperiência no mercado”. Nem na Castelo Branco nem na Pinheiro Guimarães há uma exigência em relação a experiência no mercado, mas André Luiz Cardoso afirma que um professor que tenha trabalhado em rádio tem muito mais chance de levar esse conhecimento para sala de aula, como é o caso dele, que atuou nas principais emissoras de rádio do Rio em diversas funções e costuma ser procurado pelas chefias de jornalismo das emissoras de rádio para indicação de alunos para estágio e contratação. No Ibmec também não há exigência de experiência no mercado, mas sim que o professor tenha conhecimento teórico e prático do jornalismo de rádio.

Felipe Santos, da UniCarioca, disse não saber dizer se a universidade exigia esta experiência, mas ele afirma que, em sua visão, isso é o mínimo que se pode exigir do docente da área. Na ESPM, de um modo geral, a orientação é

O ensino do Radiojornalismo no Rio de Janeiro à luz das Novas Diretrizes Curriculares para o Jornalismo

que em disciplinas de natureza prática os professores têm que ter experiência de mercado além de formação acadêmica. “Desde o início do curso de Jornalismo todos os professores da disciplina de rádio passaram pelo mercado de radiojornalismo”, explicou Lucia Santa Cruz. Todos os professores das disciplinas de Radiojornalismo da PUC-Rio também vieram do mercado (ou estão nele), sendo que alguns têm mestrado e/ou doutorado e outros não.

A pergunta seguinte foi se existe alguma dificuldade para o ensino/aprendizagem do radiojornalismo. Monica Nunes resume uma questão que considero ser também da faixa etária, embora não devesse ocorrer com alunos de Jornalismo: eles não ouvem rádio. “Se informam pelas redes sociais, que eles acham que é tudo verdade, e a gente tem que mostrar que não é. Tem alunos que ouvem por causa do esporte”, relata Monica. Ela faz parte do GP de Rádio do *Intercom* e conta que sempre leva os alunos à *Rádio BandNews* para ver como é a redação, o estúdio, e então eles se apaixonam e vários estagiam no meio. André Luiz Cardoso, da Pinheiro Guimarães e Castelo Branco, concorda e diz que “os mais jovens não têm o hábito de ouvir rádio e muitos dizem que essa prática era feita por seus avós. Então procuro despertar esse interesse para que possam conhecer”. Felipe Santos, da UniCarioca, acredita que este é o entrave maior: “um sintoma da própria crise que o veículo atravessa, buscando se reinventar. Então, é muito difícil ensinar sem que o aluno tenha referências”. Ele diz que outra dificuldade é fazer os alunos entenderem a importância do texto no rádio, até mesmo para o improvisado.

Para Lucia Santa Cruz, da ESPM, as dificuldades estão associadas com a percepção negativa que os estudantes têm, *a priori*, do meio rádio. “Percebo que a cada ano são menos alunos que ouvem espontaneamente rádio, e os que fazem dão preferência a emissoras musicais. Logo, é preciso romper uma barreira do desinteresse e do preconceito para que os estudantes se envolvam com a disciplina”, diz ela, fazendo coro com outros professores anteriormente citados.

Para Gabriel Collares, na UFRJ os problemas são o espaço físico inadequado, compartilhado com outras disciplinas que não se relacionam à prática do radiojornalismo, e a falta de política administrativa para aquisição e

manutenção de equipamentos. Leandro Lacerda diz que não há dificuldades, pois os laboratórios são bem equipados e alunos chegam com muita vontade de praticar.

Na PUC-Rio, não considero a falta de intimidade com o meio rádio como um problema, pois eles passam a se interessar depois. A maior questão é que parte dos alunos chega ao 5º período com problemas de gramática vindos dos ensinamentos fundamental e médio, e que não foram totalmente sanados em disciplinas anteriores. Alguns ainda têm problemas de interpretação de texto, e não sabem o que é importante usar na matéria e o que pode ser jogado fora dentro dos critérios jornalísticos, e isso tem que ser trabalhado na disciplina.

Sobre os equipamentos utilizados, Monica diz que na Veiga os alunos têm aula no estúdio, fazem gravações e existe uma mesa de edição usando o programa *Sound Forge*. “Não temos webrádio, mas boto o material no site da agência da Veiga, para eles terem portfólio. Mas eles editam em casa, se viram, principalmente usando o programa *Audacity*”, explica. Na UFRJ, existe mesa de som; microfones *Shure*, pedestais (incluindo de mesa), dois computadores, MD player, CD player, gravador de rolo e gravadores digitais *Tascam*.

André Luiz diz que na Castelo e na Pinheiro Guimarães há microfones e telefones fixos e celulares para gravação de reportagens. Gravações em estúdios são feitas diretamente da mesa de áudio para programas de computadores de edição de áudio e mixagem. A UniCarioca está montando um novo estúdio, mas hoje dispõe de gravador, microfones e ilha de edição. A ESPM, segundo Lucia, tem “um estúdio de radiojornalismo com quatro posições de microfone e mais um estúdio de áudio, além de gravadores digitais”. O Ibmec tem microfones uni e multidirecionais, mesa de áudio digital, computador da *Apple* para gravação e edição e gravadores digitais.

Na PUC-Rio, a primeira disciplina de radiojornalismo utiliza o estúdio de rádio, com aquário (com microfones fixos e um desmontável) e sala com cadeiras para os alunos (não para todos, se a turma estiver toda na sala) e mesa de áudio e edição em dois computadores com o programa *Sound Forge*. Estagiários treinados fazem o papel de operadores de áudio. Este e outro estúdio anexo são utilizados para o programa de estágio em rádio. As aulas de *Edição em Radiojornalismo* e *Laboratório em Radiojornalismo* utilizam, além do

O ensino do Radiojornalismo no Rio de Janeiro à luz das Novas Diretrizes Curriculares para o Jornalismo

estúdio para gravação, salas com um computador por aluno com programa de edição.

A última pergunta foi se é feito um acompanhamento do mercado para adaptar o ensino a mudanças externas. Na UFRJ, Gabriel informa que o professor da disciplina convida palestrantes, realiza visitas à emissoras de rádio e participa de congressos e eventos científicos. O conteúdo programático da disciplina é atualizado semestralmente. Monica, da Veiga, conta que, “nas visitas que fazemos os alunos veem que o repórter faz a pauta, apura, edita. Tem que saber fazer tudo”. Na Pinheiro Guimarães e na Castelo o professor André Luiz diz que procura preparar o aluno para as exigências do mercado de trabalho. Felipe, da UniCarioca, considera fundamental que as tendências do radiojornalismo sejam aplicadas em sala de aula, e por isso debate sobre convergência, incentiva a leitura de estudos recentes e a busca de novos formatos, com o uso de trilhas, vinhetas, som ambiente etc. “Sem esquecer que a essência do bom jornalismo é correr atrás de boas histórias”, conclui.

136 |

Na ESPM, “a disciplina tem sido pensada muito mais como jornalismo de áudio do que jornalismo específico de um determinado meio de comunicação”, afirma Lucia. É dada ênfase ao *podcast*, às possibilidades de jornalismo de áudio online, à convergência. Além disso, são feitas visitas a emissoras, desde as *all-news* a rádio estatais e populares. Leandro, do Ibmec, diz que, por trabalhar na *CBN* e perceber algumas lacunas existentes em profissionais jovens que chegam à empresa, tenta ajudar a aplicar, na prática, conceitos que, muitas vezes, os alunos viram apenas na teoria.

Na PUC-Rio, alguns professores levam os alunos a emissoras de rádio, e existe um contato com o mercado para indicação de estagiários. Além disso, programas feitos por alunos vão ao ar em emissoras do Rio de Janeiro.

Um dos itens das novas diretrizes curriculares recomenda utilizar diferentes cenários de ensino-aprendizagem, permitindo assim ao aluno conhecer e vivenciar situações variadas em equipes multiprofissionais. Desde 1987 a PUC-Rio tem o Projeto Comunicar, gerido pelo Departamento de

Comunicação Social. Além de outros meios, existe a *Rádio PUC*⁵, com diversos programas e *podcasts* de notícias e 24 estagiários.

4 CONCLUSÃO

As universidades concorrem entre si, ou por terem a melhor nota do MEC, ou, no caso das particulares, também por número de alunos pagantes. Porém, o objetivo deste trabalho é que haja cooperação entre os cursos de Jornalismo, e especificamente entre os professores de Radiojornalismo, para que a troca de experiências possa levar à melhoria na educação como um todo, que é o objetivo maior de todos nós que acreditamos na importância do ensino. A colaboração dos professores das diversas universidades nas respostas ao questionário mostra que este é, de fato, um objetivo comum.

Pudemos observar que as novas diretrizes curriculares ainda não estão universalizadas, mas a maioria dos cursos de Jornalismo do município do Rio já adotou ou falta pouco para adotar completamente as regras da resolução do MEC. Alguns cursos não têm equipamentos suficientes, mas a principal reclamação no que diz respeito ao ensino é em relação à falta de intimidade dos alunos com o meio rádio. Na minha experiência, e em vários relatos acima que tratam de estágios em rádio, percebo que muitos se apaixonam pelo meio ao começar a estudá-lo e a praticar. Há muitos ex-alunos da PUC-Rio trabalhando ou que já trabalharam em rádio, por exemplo, inclusive diversos em cargos de chefia.

Praticamente todos os professores (em alguns casos, por orientação dos cursos) consideram fundamental que o professor de Radiojornalismo tenha passado pelo mercado de trabalho. Acredito também que é apenas desta forma que o professor consiga responder a algumas perguntas sobre como superar problemas que só quem passou pela prática tem condições de responder (ou se antecipar a essas perguntas). No ensino de Radiojornalismo não basta transmitir a técnica e praticar. É preciso, através dessa prática, refletir sobre o conteúdo do jornalismo e como o jornalista de rádio pode servir ao interesse público enquanto fala para ouvintes que, em geral, estão também prestando atenção no

⁵ Disponível em: <<http://www.radiopuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

O ensino do Radiojornalismo no Rio de Janeiro à luz das Novas Diretrizes Curriculares para o Jornalismo

trânsito, nas panelas no fogão ou qualquer outra coisa que possa concorrer com a informação que está sendo passada. A técnica de ser claro e direto é importantíssima, mas a ética que serve de base ao trabalho precisa estar sempre presente. E quero encerrar com uma provocação ao ensino da imparcialidade. Vale lembrar Boaventura Santos (2007) e transpor para o jornalismo o que ele diz sobre a ciência, ambos baseados no mesmo positivismo: devemos ser objetivos, mas não neutros, pois vivemos em sociedades muito injustas em relação às quais não podemos ser neutros. 

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel. As diretrizes curriculares e a formação específica em jornalismo. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 162-175, jul./dez. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 2 fev. 2016.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

MEDITSCH, Eduardo. O ensino do radiojornalismo em tempos de internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Campo Grande: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP6MEDITSCH.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

_____. Oportunidade para o reencontro entre teoria e prática. **Observatório da Imprensa**, 25 fev. 2014. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/ed787_oportunidade_para_o_reencontro_entre_teorica_e_pratica>. Acesso em: 2 ago. 2016.

PERUCHI, Ricardo; TRIGO-DE-SOUZA, Ligia Maria. Gisela Ortriwano e o estudo do rádio no Brasil. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (Orgs.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2008. (v. 2).

SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MAURÍCIO, Patrícia

TONUS, Mirna. **Interações digitais**: uma proposta de ensino de radiojornalismo por meio das TIC. 2007, 240 f. Tese (Doutorado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.